

A BATALHA DO JENIPAPO E SEUS HERÓIS: SÍMBOLOS DE UMA PIAUIENSIDADE

IARA CONCEIÇÃO GUERRA DE MIRANDA MOURA¹

RESUMO: Este texto analisa o trabalho de alguns historiadores piauienses, para legitimar a identidade piauiense, a partir dos "heróis" que participaram da Batalha do Jenipapo (Campo Maior/Pi- 1823). Porém, esses personagens heróicos, fazem parte de um universo muito restrito (a elite local), contradizendo com a real participação do povo pobre e humilde que lutou e morreu por uma causa que tão pouco compreendiam, como era a emancipação política do Brasil, perante a metrópole portuguesa. O povo, mais uma vez, aparece na clássica historiografia piauiense,(séculos XIX e XX), como sujeitos marginalizados da história.

PALAVRAS- CHAVES: Identidade, Piauí, Heróis.

RESUMEN: Este texto analiza el trabajo de algunos historiadores piauienses, para legitimar la identidad piauiense, a partir de los "héroes" que participaron en la Batalla del Jenipapo (Campo Mayor / Pi- 1823). Sin embargo, esos personajes heroicos, forman parte de un universo muy restringido (la elite local), contradiciendo con la real participación del pueblo pobre y humilde que luchó y murió por una causa que tan poco comprendía, como era la emancipación política de Brasil, ante metrópoli portuguesa. El pueblo, una vez más, aparece en la clásica historiografía piauiense (siglos XIX y XX), como sujetos marginados de la historia.

PALABRAS CLAVES: Identidad, Piauí, Héroes.

Partindo do pressuposto de que os homens sempre estiveram motivados a se debruçarem sobre seu passado, suas referências e seus laços identificadores, consideramos a análise da identidade extremamente válida para compreendermos como a memória e a história

¹ Mestre em História pela Universidade Federal do Piauí e professora de História da Secretaria de Educação do Maranhão.

são utilizadas para construir um sentimento de coesão social, isto é, uma consciência de pertencimento à nação, raça, família, religião, ideologia, cultura, etc. De acordo com Stuart Hall, a identidade usa os “recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos” (HALL, 2003, p. 109).

Em relação ao Estado do Piauí, os discursos identitários apontam para um retorno às origens, principalmente no que diz respeito às ações dos antepassados que trazem orgulho ao povo piauiense. Sabendo da variedade de acontecimentos históricos que são utilizados na construção da ideia de identidade regional, selecionamos para a análise apenas o processo de independência no Piauí, em particular, a Batalha do Jenipapo (Campo Maior/PI-1823).

Tendo em vista a “ameaça que a região sofre do nacional no processo avassalador e triunfante do nivelamento hegemônico que se opera em termos de poder, de saber, de discurso e de competências” (SIQUEIRA, 2000, p. 7), os intelectuais piauienses passaram a compreender a necessidade de divulgar uma imagem positiva do Estado através da revalorização de suas particularidades, como por exemplo, a participação do Piauí no processo emancipacionista do país, pois como afirmou o governador Alberto Silva (1971-1975):

Diante de um pessimismo que se fizera crônico, contaminando até mesmo os homens públicos, acomodados ao destino de um Estado apontado como o mais subdesenvolvido [...] do país, criara-se em nossa terra uma consciência de tibieza e ceticismo, contra a qual esbarravam todos os projetos. [...] A descrença generalizada refletia uma lamentável ignorância de nossas potencialidades, e até mesmo de um passado em que o Piauí vivera momentos eminentes da vida brasileira, assegurando a unidade da independência nacional, como no episódio de Jenipapo, [...] (SIQUEIRA, 2000, p. 7).

Como podemos perceber, a construção da identidade é feita em função do outro, isto é, da imagem que este outro tem de um lugar e de um indivíduo, sendo assim, um fenômeno negociável, sujeito a constantes transformações. Segundo a concepção aceita por Stuart Hall, “as identidades não são nunca unificadas; [...] elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas, [...] elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos” (HALL, 2003, p. 108).

Dentro desse contexto, existe no Piauí um trabalho de desconstrução do estereótipo de Estado pobre e atrasado, que valoriza as potencialidades culturais da região, como o artesanato, o folclore, a música, literatura, a arqueologia, a história, etc., ressaltando que a sua riqueza está

presente na hospitalidade e no caráter de bravura e resistência de seu povo, herança da experiência de lutas das gerações passadas.

Historicamente construída a partir de uma economia voltada para a pecuária e para a agricultura de subsistência, e depois extrativista, a sociedade piauiense girou por muito tempo em torno da figura do vaqueiro, considerado o símbolo de resistência física e moral. Segundo a historiadora Teresinha Queiroz “é preciso recordar que, no plano social, mais importante que ser vaqueiro era, apenas, ser fazendeiro” (QUEIROZ, 1998, p. 22). Tendo em vista esta questão, a literatura e a história local o consideram como heróis, principalmente quando se trata dos processos de colonização e da independência do Piauí. Para o pesquisador Erasmo Celestino, o vaqueiro é o símbolo da identidade piauiense, pois:

[...] expressa sua originalidade na concepção de mundo moldada na amplidão dos sertões, exposto ao sutil e tênue ato de viver [...]. Essa irreduzibilidade desenha sua feição, seu jeito de ser e de parecer ser, sua hospitaleira maneira de demonstrar afeição, sua tenacidade, seu orgulho e brio, seu sentimento de honradez, sua maneira de conduzir a boiada e de se divertir com o boi [...]. Trata-se da sua cara. Cara temperada, curtida pelo sol do Equador com matizes da cajuína, manga-rosa, cera de carnaúba, maniçoba, bacuri... Cara de boi criado solto, com aguçado senso de liberdade, como se viu no sangue que correu nas lutas pela Independência [...] (CELESTINO, In: SANTANA, 2003, p. 418-419).

Segundo o autor, a simplicidade da vida no campo, a lida com o gado, a presteza, coragem e a honra, fazem parte do ser piauiense, da sua identidade enquanto povo nordestino, marcado pela tradição de lutas e resistências, como a Batalha do Jenipapo, que ficou registrada no imaginário do popular, de forma positiva, sendo motivo de orgulho, dada a bravura de homens simples do sertão de Campo Maior e adjacências, que mesmo diante da pobreza e rusticidade dos instrumentos de guerra, (espingardas velhas, foices, enxadas) lutaram resignadamente, num confronto de forças bastante desiguais, onde muitos perderam a vida. Sobre este assunto, observamos que na maioria dos relatos históricos existe muita exacerbação em relação a este episódio e a seus participantes, os quais são descritos como valentes e patrióticos heróis.

Assim, além de exaltar o feito histórico da Batalha do Jenipapo, os intelectuais ainda precisavam construir e legitimar os heróis desta guerra, pois eles representariam os pontos de referência, os fulcros de identificação coletiva dos piauienses. Porém, a produção historiográfica local, do final do século XIX até a metade do século XX, trabalhou no sentido de levar à posteridade apenas os nomes de personagens da elite, como: Leonardo das Dores

Castelo Branco, Manuel de Sousa Martins, Lourenço de Araújo Barbosa, João Cândido de Deus e Silva e Simplício Dias da Silva, isto é, as figuras ilustres que se destacaram nas áreas militar, econômica, e administrativa do Estado do Piauí.

Para Abdias Neves, que homenageou em um dos capítulos de *A Guerra do Fidié*, a figura de Leonardo de Carvalho Castelo Branco, denominado posteriormente de Leonardo de Nossa Senhora das Dores Castelo Branco, este teria todas as qualidades de um herói, digno de valor e orgulho para os piauienses, pois “era forte de corpo e simples de alma, sonhando reformas que lhe pareciam de fácil e proveitosa realização” (NEVES, 2006, p. 135). Segundo o autor, Leonardo era um jovem alferes (hoje correspondente ao posto de segundo tenente) que acreditava no ideal de liberdade, impulsionando cearenses e piauienses, através da distribuição de pasquins e proclamações, a lutarem pela causa da independência.

Assim, como aconteceu com quase todos os “mocinhos” da História, Leonardo foi preso, sendo seus percalços dramatizados da seguinte maneira: “nas tristezas do cárcere, nem sequer teve o consolo de saber que seus ideais triunfavam e que o Piauí se levantava livre, após o tributo de sangue pago por seus heróis anônimos” (NEVES, 2006, p.140). Através de uma linguagem romanesca, Abdias Neves construiu e explorou a imagem do alferes Leonardo das Dores Castelo Branco, destacando-o como um valioso representante do Exército e da nação brasileira.

É interessante ressaltar, que só o fato de Leonardo representar o Exército, já significava uma honra muito grande para os piauienses, haja vista que a sociedade brasileira considerava a função dessa instituição de fundamental importância, pelo fato de ser “a nação em armas, alerta, vigilante, para salvaguarda da sua honra, da sua integridade, da sua soberania. Forte, imponente e disciplinado, heroico, brilhante e obediente à lei, pilar da ordem, garantia da paz, escola de civismo, inimigo de motins [...]” (CASTELO BRANCO, 1936, p. 88/89).

Sentindo também a necessidade de mostrar aos piauienses que estes tinham motivos para se orgulhar de sua gente, o historiador Wilson Brandão traçou na obra *História da Independência no Piauí*, a psicologia e a trajetória de vida de Manoel de Sousa Martins (Visconde da Parnaíba), colocando-o no panteão cívico. Segundo o autor, ele era um homem tenaz, trabalhador e de forte personalidade, pois:

Desde cedo, e por boa parte da vida, entregara-se ao trabalho exaustivo do sertão. Sem pai aos 15 anos, havia assumido larga porção de responsabilidade dos negócios da família, cujo patrimônio ampliara consideravelmente, graças também ao admirável tino comercial, que o distinguiu na região. Com sacrifício de interesses e ambições pessoais muito justificáveis em sua idade,

tinha cuidado da educação dos irmãos, todos mais novos (BRANDÃO, 2006, p. 119).

Com esta narrativa, Brandão objetivou fazer com que o povo do Estado do Piauí se identifique e se sinta próximo da história de vida de Manoel de Sousa Martins. Uma história que, na verdade, se assemelha com a de milhares de piauienses, que provenientes do meio rural, conseguiram administrar os negócios da família, educar seus irmãos mais novos e destacar-se no âmbito comercial.

Além de fazendeiro e comerciante, Brandão afirmou que ele ainda tinha ingressado nas carreiras militar e política, evoluindo de soldado raso, furriel, alferes e coronel agregado, para a condição de brigadeiro e vice-presidente da Junta provisória de Governo, ou seja, tinha um histórico digno de admiração. Porém, apesar de todo esse sucesso, Manoel de Sousa Martins havia passado por uma inesperada traição, ao ter ficado de fora de seu posto político durante as eleições de 07 de abril de 1822, fato que o teria levado, segundo o autor, a conspirar contra a monarquia portuguesa. Sobre esta questão, Wilson Brandão afirma que Sousa Martins:

Age às escondidas. Articula e coordena. Revela-se hábil e destro conspirador. [...] O Brigadeiro é, na verdade, o comandante, o chefe. Tem as qualidades exigidas para os que se predestinam às grandes decisões históricas. [...] Sereno ou impetuoso, segundo as ocasiões. Bravo ou malicioso. Um homem circunstancial (BRANDÃO, 2006, p. 125/126).

Outra figura que se tornou digna de admiração foi Lourenço de Araújo Barbosa, pois, de acordo com Wilson Brandão, ele era um homem que tinha executado as ideias libertárias, “quase sozinho, na faina difícil de precursor” (BRANDÃO, 2006, p. 88). Com uma boa formação intelectual, Lourenço teria sido influenciado pelas concepções francesas que abalaram o mundo no século XIX. O fato de ter sido rábula – advogado sem ser diplomado – o ajudaria bastante a elaborar e divulgar os pasquins “sediciosos” para as vilas de Campo Maior, Piracuruca e Parnaíba.

Disposto a lutar pela causa da independência, passou a fabricar pólvora em Campo Maior, tornando, segundo o autor, “senhor absoluto da situação, [ao preparar-se], para os lances finais da luta pela emancipação, para a luta armada, que julga iminente” (BRANDÃO, 2006, p. 87). Porém, assim como Leonardo Castelo Branco, Lourenço de Araújo Barbosa foi preso pelo seu trabalho de aliciamento, sendo transformado em patriarca da independência no Piauí.

Em relação à Parnaíba, o historiador Wilson Brandão considera João Cândido de Deus e Silva e Simplício Dias da Silva como os maiores conspiradores da região norte do Estado. Possuidor de uma vasta cultura e, principalmente, do pensamento revolucionário da época, João Cândido, como juiz-de-fora de Parnaíba e Campo Maior, foi o responsável por assumir a direção do movimento e despertar nos parnaibanos o ideal libertário “conferido pela natureza a todo homem, [...] cujo direito foi solenemente declarado nas bases de nossa constituição” (BRANDÃO, 2006, p. 98). Sentindo-se preparado do ponto de vista político-intelectual, João Cândido resolve aderir à emancipação do país, instituindo desta forma, um novo sistema político na região.

Em relação a Simplício Dias da Silva, o historiador Hermínio Conde assim se posiciona:

A iniciativa da luta coube à figura bizarra do patriota piauiense coronel Simplício Dias da Silva. Imensamente rico, e viajado, hóspede da França pós-revolucionária, as idéias liberais trazidas da Europa, ele as sobrepõe [aos imperativos da economia, pois] investindo a mãe-pátria, Simplício Dias paralisava o comércio, fonte da própria economia (CONDE, In: SANTANA, 2007, p. 195).

Segundo o autor, Simplício, como um “bom herói”, teria renunciado seus interesses econômicos em nome de uma causa maior – o patriotismo. Conde afirma que a admiração por Simplício já tinha sido enfatizada inclusive pelos cientistas Koster e Tollenare (estudiosos europeus que pesquisaram sobre o Brasil do século XIX), os quais descreveram a sua grande riqueza em fazendas, escravos e peças de ouro, comparando-o com “um dos mais opulentos particulares do Brasil” (CONDE, In: SANTANA, 2007, p. 197).

No entanto, é importante frisar que a figura de Simplício não está ligada apenas ao aspecto heroico, mas também a de bandido, haja vista que a sua imagem encontra-se envolvida em lendas e mistérios a respeito dos maus-tratos aplicados aos seus escravos, como por exemplo, deixar que onças pretas os devorassem, para o deleite de seus ilustres convidados. A lenda piauiense conta ainda que, quando Simplício Dias faleceu e foi enterrado na Igreja de Nossa Senhora das Graças, em Parnaíba, ele começou a aparecer para a população parnaibana, fato que só deixou de acontecer quando seu corpo foi exumado e enterrado num cemitério público da cidade.

Porém, apesar do esforço dos historiadores piauienses em construir heróis para a população do Estado, estes não correspondem com o perfil e com a realidade sócio-econômica e cultural do povo da região, que é na sua maioria pobre, analfabeto, conservador e

supersticioso. Assim, partindo do pressuposto de que as identidades são “pontos de apego temporário às posições de sujeito que as práticas discursivas constroem para nós” (HALL, 2003, p. 112), historiadores como Pe. Chaves, Claudete Dias e Adrião Neto passaram a legitimar o povo simples – vaqueiros e roceiros – como pontos de referência para a identidade piauiense.

É interessante destacar que, durante a década de 1920, o historiador Clodoaldo Freitas já criticava o fato do povo não ser reconhecido e valorizado pela historiografia, pois era considerado a:

[...] besta de carga, vítima de todas as especulações monárquicas, republicanas, teocráticas, artísticas ou literárias. O pobre povo soberano é quem carrega com o orgulho da nossa fidalguia, [...] imagem sacralíssima da rã da fábula estatelada sob a pata do touro e morrendo esmagada, bravateando que estava dando uma lição ao monstro! D. Quixote, heróico e vencido, ridículo e moralista, é o espelho popular, é a imagem do povo armado cavaleiro da liberdade. [Sua sorte] é muito parecida com a sorte do herói da cavalaria errante ou com a do músico do sertão, que volta das festas sempre a pé ou pessimamente montado! (FREITAS, 1925, p. 142-143).

Clodoaldo Freitas afirmou que enquanto o povo combatia e lutava nas batalhas, os homens da elite ganhavam os louros da vitória em cima da garra do primeiro, o qual era esquecido, para que os nomes de generais, comerciantes e fazendeiros fossem levados para a posteridade como heróis. Assim, procurando reverter esta situação, ele escreveu a poesia denominada “O combate do Jenipapo”, a qual se encontra afixada em um mural no monumento Heróis do Jenipapo, onde o autor se expressa da seguinte maneira sobre a atitude popular:

O Povo do Piauí, vaqueiros ou soldados,
Quando a pátria te chama, aflita, nesses dias,
Nessas horas fatais de transes desgraçados,
É que sabes mostrar-te abnegado e valente.
Se Fidié triunfou, tu, ao morrer, sabias
Que a nossa boa terra ficaria independente
(FREITAS, In: NEVES, 2006, p. 03).

O trabalho de desconstrução sobre o silêncio em torno da Batalha do Jenipapo está cada vez mais forte, como podemos perceber pelas publicações dos intelectuais piauienses: Abdias Neves, Wilson Brandão, Odilon Nunes, Pe. Chaves, Pe. Cláudio Melo, Raimundo Nonato Monteiro de Santana, Antônio Amaral, Domingos Bezerra, Elmar Carvalho, Adrião Neto, Fonseca Neto, Claudete Dias, e no âmbito nacional, Laurentino Gomes, com sua obra

“1822”. Em decorrência disso, a cidade de Campo Maior, que era conhecida apenas pelo cognome “Terra dos Carnaubais”, passou a ser chamada também de “Berço de Heróis”.

Desta forma, a cultura e a identidade piauienses só serão reconhecidas e valorizadas quando forem publicizadas suas riquezas, belezas e tradições históricas, pois ao atuar no cotidiano das pessoas, a imprensa tem o poder de legitimar e controlar o imaginário coletivo, formando sentidos sobre uma dada realidade de uma região, como está acontecendo atualmente em Campo Maior, através da vaquejada Nina Alencar, dos festejos do padroeiro Santo Antônio, do Festival gastronômico Sabor Maior e do Salão do Livro de Campo Maior (SALICAM).

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Wilson de Andrade. *História da Independência no Piauí*. 2. ed. Teresina: FUNDAPI, 2006.

CASTELO BRANCO, Christino. Civismo. In: *Revista da Academia Piauiense de Letras*. Teresina, ano XIX, nº 15, p. 88/89, dez. 1936.

CELESTINO, Erasmo. Piauí: mostra tua cara e diga qual é teu negócio. In: SANTANA, Raimundo Nonato Monteiro de. *Apontamentos para a História Cultural do Piauí*. Teresina: FUNDAPI, 2003.

CONDE, Hermínio de Brito. Independência no Nordeste. In: SANTANA, R. N. M. de; SANTOS, Cíneas (org.). *O Piauí e a unidade nacional*. Teresina: FUNDAPI, 2007.

FREITAS, Clodoaldo. O Fatalismo. In: *Revista da Academia Piauiense de Letras*, ano 8, n. 9, set. 1925.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). *Identidade e Diferença: a Perspectiva dos Estudos Culturais*. 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

NEVES, Abdias. *A Guerra do Fidié*. 4 ed. Teresina: FUNDAPI, 2006.

PIAÚÍ, Governador 1971-1975(Alberto Tavares Silva). *Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa em 1974*. Teresina, 1974.

QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. *Economia piauiense: da pecuária ao extrativismo*. 2. ed. Teresina: EDUFPI, 1998.

SIQUEIRA, Antônio Jorge. *Nação e Região: os discursos fundadores*. Texto escrito para ciclo de conferências Brasil 500 anos, realizado pela Fundação Nacional de Arte no Rio de Janeiro em 11 out. 2000.